ISSN: 2358-8829

ARTE, DISCURSO E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ARTES VISUAIS POR MEIO DE UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA E PSICOLÓGICA.

Eduarda Letícia Carvalho Bezerra [1]
Glauco Cunha Cazé [2]

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a arte se constrói como uma das principais formas de manifestação, interpretação e expressão das experiências humanas. Antes mesmo de constituir um campo materialista, diversas sociedades utilizavam símbolos, imagens e sons para registrar eventos, crenças e modos de vida. Conforme aponta Gombrich (2000, p. 8), "aquilo a que chamamos 'obras de arte' não é fruto de uma atividade misteriosa, mas são objetos feitos por seres humanos para seres humanos". Nessa perspectiva, a relação entre arte e realidade ultrapassa a dimensão estética, revelando conflitos, transformações e valores sociais, como exemplificado na obra *A Liberdade Guiando o Povo* (1830), de Eugène Delacroix, em que a resistência de diferentes classes é eternizada.

O estudo justifica-se pela relevância de investigar as manifestações artísticas para além do valor contemplativo, compreendendo-as como geradoras de sentidos, memórias e identidade. Em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o trabalho aborda a dimensão das linguagens e a competência de analisar e fruir as produções artísticas e culturais a partir de seus contextos históricos, sociais e subjetivos, promovendo o pensamento crítico e a empático. Tem-se como objetivo geral analisar de que maneira as artes visuais atuam como formas de representação, expressão e resistência a partir do diálogo entre a antropologia e a psicologia. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de procedimento bibliográfico e documental, cujos

[1] Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário Frassinetti do Recife - PE, eduardalcbezerra@gmail.com;
[2] Professor do Centro Universitário Frassinetti do Recife - PE, glauco@prof.unifafire.edu.br.

achados demonstram que as obras analíticas não nascem do vazio, mas da constante articulação entre fatores coletivos (externos) e individuais (internos).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para a persecução dos objetivos propostos, a investigação adota uma abordagem qualitativa fundamentada em pesquisa bibliográfica e a análise discursiva de obras visuais. O percurso apoia-se em referenciais das áreas da Antropologia, Psicologia, Teoria da Arte e Estudos do Discurso. Foram selecionadas obras representativas de variados períodos históricos e correntes estéticas (Modestos Brocos, Sebastião Salgado, Van Gogh, Renoir e Pieter Bruegel) para correlacionar suas composições com os contextos socioculturais e as dinâmicas psíquicas de criação de indivíduos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo busca delimitar a arte como um sistema simbólico e discursivo atravessado por aspectos antropológicos e psicológicos. A perspectiva antropológica defende que a produção artística ganha potência no grupo social, atuando como veículo de representação cultural e resistência. Paralelamente, a psicologia investiga os processos individuais do artista, compreendendo como traumas, memórias e manifestações do inconsciente moldam o gesto criativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A Perspectiva da Antropologia e o Discurso Social

As imagens visuais constroem efeitos de resistência e discursos não neutros, manifestados por meio da escolha de cores, símbolos e composições. A antropologia, ao analisar o ser humano em sua totalidade biológica, social e cultural, reconhece na arte um sistema simbólico articulado à sociedade. Invertendo a máxima de que "a vida imita a arte", observa-se que a arte imita a vida ao sintetizar realidades coletivas em registros imortalizados.

ISSN: 2358-8829

No contexto brasileiro do século XIX, a obra *A Redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos, ilustra a materialização da tese eugenista do "branqueamento" racial, utilizada para naturalizar a exclusão social da população negra. Essa narrativa dialoga com o conceito de "defeito de cor", norma jurídica que imputava inferioridade aos indivíduos negros, denunciado contemporaneamente por Ana Maria Gonçalves (2006) em obra homônima, e analisado por Lilia Schwarcz (2024) ao desvelar os discursos visuais a serviço da Branquitude.

Em contrapartida, nas fotografias de Sebastião Salgado, como na obra *Êxodos* (2000), o foco desloca-se para a denúncia do anonimato de populações deslocadas e refugiadas. Sob a ótica antropológica de Marc Augé sobre a *Super Modernidade*, as migrações retratadas por Salgado evidenciam a produção dos chamados "não-lugares", espaços de trânsito provisórios e desprovidos de identidade, revelando o risco da invisibilização do sujeito em meio a crises geopolíticas globais.

A desigualdade de classe também se expressa na representação da mesa e da alimentação. Enquanto Vincent van Gogh, em *Os Comedores de Batata* (1885), retrata a dureza do trabalho camponês sob a iluminação parca de uma lamparina, Pierre-Auguste Renoir, em *O Almoço dos Barqueiros* (1881), apresenta o banquete como espaço burguês de lazer e sociabilidade. A reflexão de Byung-Chul Han (2019) permite compreender que a experiência estética não se restringe ao belo harmonioso, mas abarca ao áspero, o doloroso e o socialmente incômodo na perspectiva das classes sociais.

2. A Criação da Individualidade pelo Olhar da Psicologia

As artes visuais traduzem a mente humana e a subjetividade individual. Rosa Montero expõe como a infância e os traumas reverberam nos processos criativos de modo geral. Em consonância, Sigmund Freud (1910), na análise sobre Leonardo da Vinci, demonstra como memórias e desejos infantis moldaram a genialidade e as hesitações do artista.

No campo da psicologia, Nise da Silveira (1992, p. 82) conceitua a imagem psíquica:

> A imagem não é a simples cópia psíquica de objetos externos, mas uma representação imediata, produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita, mas sem possuir necessariamente caráter patológico, desde que o indivíduo a distinga do real sensorial, percebendo-a como imagens internas. (pág. 82).

Essa dimensão psíquica evidencia-se na trajetória de Vincent van Gogh: na obra Natureza-Morta: *Vaso com Doze Girassóis* (1888), o uso de tons vívidos e luminosos expressa um momento de vitalidade; já em *Raízes de Árvore* (1890), sua última tela, as tonalidades frias e retorcidas refletem o sofrimento psíquico e os conflitos do inconsciente.

Por fim, a relação entre discurso e percepção reflete-se na obra *A Parábola dos Cegos* (1568), de Pieter Bruegel. A sequência de figuras em declínio rumo à queda evoca o conceito de Panoptismo de Michel Foucault (Vigiar e Punir, 1975), no qual os sujeitos, vigiados e disciplinados socialmente, perdem a autonomia crítica, reproduzindo condutas sem o devido discernimento consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu compreender as artes visuais como práticas discursivas e espaços de produção de sentidos que ultrapassam a contemplação estética. A integração entre Antropologia e Psicologia revela-se necessária para fundamentar a análise artística no âmbito educacional e acadêmico. Enquanto a Antropologia possibilita mapear os contextos históricos, as desigualdades e as relações de poder, a Psicologia ilumina a dimensão dos afetos, do inconsciente e da subjetividade. Conclui-se que a arte atua como um potente instrumento de resistência, memória e construção de identidades.

Palavras-chave: Artes Visuais. Resistência. Identidade. Psicologia. Antropologia.

ANEXOS

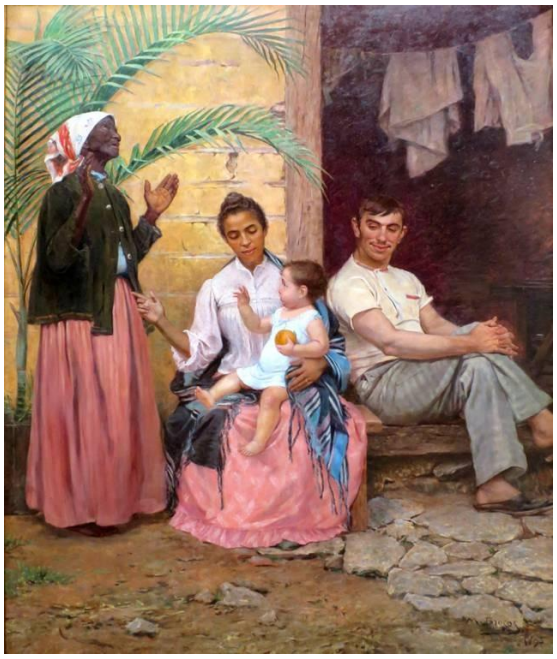
Figura 1 - A Liberdade Guiando o Povo, de Eugène Delacroix

ISSN: 2358-8829



Fonte: Delacroix (1830).

Figura 2 - A Redenção de Cam, de Modestos Brocos



Fonte: Brocos (1895).

Figura 3 - Os Comedores de Batata, de Van Gogh

ISSN: 2358-8829



Fonte: Van Gogh (1885).

Figura 4 - O Almoço dos Barqueiros, de Pierre-Auguste Renoir



Fonte: Renoir (1881).

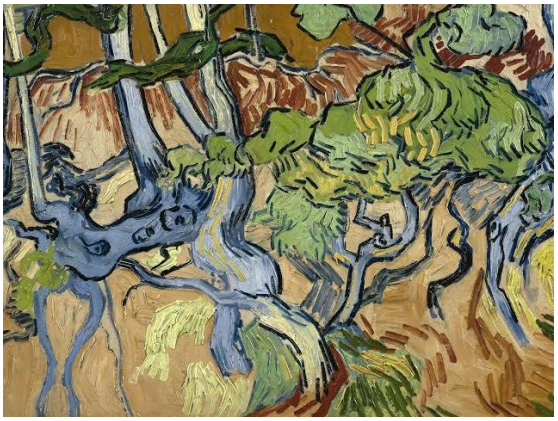
Figura 5 - Natureza-Morta: Vaso com Doze Girassóis, de Van Gogh



Fonte: Van Gogh (1888).

ISSN: 2358-8829

Figura 6 - Raízes de Árvore, de Van Gogh



Fonte: Van Gogh (1890).

Figura 7 - A Parábola dos Cegos, de Pieter Bruegel



Fonte: Pieter Bruegel (1568).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREUD, Sigmund. Uma lembrança de infância de Leonardo Da Vinci (1910). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HAN, Byung-Chul. A salvação do belo. Petrópolis: Vozes, 2019.

MONTERO, Rosa. O perigo de estar lúcida. Tradução de Mariana Sanchez. São Paulo: Todavia, 2023.

SALGADO, Sebastião. Êxodos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A imagem da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. Rio de Janeiro: Átis, 1992.